

Juventude e esportes radicais: elementos associados à esfera do lazer

Ricardo Ricci Uvinha*

Convidado a escrever para a *Revista teórica e política do Centro de Estudos e Memória da Juventude*, aceitei a tarefa com imenso prazer, até porque tratarei brevemente a seguir de um tema a que venho me dedicando academicamente e profissionalmente há certo tempo: a relação da juventude com o campo do lazer e suas interfaces com a temática dos esportes radicais.

Inicialmente, gostaria de refletir sobre a temática da juventude, passando posteriormente à relação desta com o lazer e os esportes radicais. Mesmo correndo o risco de ser esquemático, entendo que tal encaminhamento facilitará a compreensão de minhas proposições expressas neste texto.

Defendo que a compreensão acerca da juventude está necessariamente atrelada a um determinado contexto cultural. Isso é o mesmo que dizer que a juventude apresenta-se com claras diferenciações dependendo da sociedade em que é concebida. Ser “jovem” não significa necessariamente estar condicionado por uma idade específica, já que geralmente esse grupo populacional situa-se a partir da faixa etária da adolescência, sendo contudo seu término algo cada vez mais difícil de se identificar, dependendo das características de cada sociedade.

A “imprecisão” quanto aos limites das fases adolescente/adulta é muito bem relatada pelo autor inglês Mike Featherstone. Esse autor sugere que atualmente podemos falar de distintos processos ou cursos de vida porque

[...] em algumas sociedades pode-se tentar adotar os hábitos e os valores do velho e tentar permanecer jovem; em outras sociedades, o velho assume os valores do jovem; isso significa também que em algumas sociedades pode haver tendências a empurrar todas as pessoas para o mesmo curso de vida (1)

Tal fato, segundo o autor, provocaria a existência de um certo “embaçamento de fronteiras” entre a infância e a maturidade, com uma maior tolerância quanto às “crianças adultas” e “adultos infantis”.

Segundo o estudioso português José Machado Pais (2), que investigou elementos associados à juventude do seu país, aponta-se que fatores como trabalho e vida fora da família, ao lado do cumprimento do serviço militar (para os rapazes) e o matrimônio, há algumas décadas eram indicadores marcantes da passagem para a vida adulta, ao se constituírem como “símbolos de emancipação”. Hoje em dia, segundo o autor, é muito difícil assumir com certeza se a vivência de tais indicadores implicaria necessariamente em inserção na fase adulta, já que “sob a aparente unidade da juventude (quando esta aparece referida a uma fase da vida) é possível encontrar uma diversidade de situações sociais que tornam heterogênea a experiência de ser jovem”.

Desse modo, considero os termos “teen”, “adolescente”, “jovem” e “pré-adulto” como sinônimos cuja duração, forma e situações de abordagem variam intensamente de uma

sociedade para outra – e até mesmo dentro de uma mesma sociedade (3).

Passemos agora à reflexão sobre a juventude em sua relação com o lazer. Partir do lazer para estudar o jovem na sociedade atual mostra-se um grande desafio, considerando que o próprio tema “lazer” está visivelmente sujeito a reservas, notadamente no âmbito acadêmico, onde é considerado por muitos como irrelevante. No entanto, paradoxalmente, o tema lazer, mesmo ainda desprovido do devido mérito acadêmico em nosso país, é atualmente um dos elementos que tem aparecido com mais destaque na vida cotidiana, principalmente quando o assunto é qualidade de vida.

Desse modo, as dificuldades comumente observadas ao abordar o tema lazer associado à juventude podem ser rapidamente superadas se compreendermos que tal campo, talvez mais que outros – como educação, trabalho ou mesmo a própria família – pode se transformar em um veículo privilegiado de acesso a informações sobre a cultura juvenil. Como bem destaca José Guilherme Magnani, “o momento do lazer – instante de esquecimento das dificuldades do dia a dia – é também aquele momento e oportunidade do encontro, do estabelecimento de laços, do reforço dos vínculos de lealdade e reciprocidade, da construção das diferenciações” (4).

Quando refletimos sobre os esportes radicais e sua presença no cotidiano dos jovens, em especial no tempo dedicado ao lazer, verificamos que tais práticas têm arregimentado muitos adeptos em todo o mundo.



Jovem praticante de skate

O skate simboliza para seus adeptos, mais que a mera prática da atividade, a busca pela inovação, pela quebra com o tradicional, constituindo-se para o jovem numa relevante ferramenta de busca da identidade.

Elementos como resultados incertos, perigo e risco, novidade e desafio estão constantemente presentes na prática de modalidades como skate, surfe, cachoeirismo, canoagem, escalada, vôo livre e paraquedismo, entre muitos outros. Assim, percebe-se que os praticantes de esportes radicais, de uma forma geral, jogam a todo momento com o risco de uma queda, de um afogamento ou com qualquer outra ocorrência que possa custar mesmo sua vida.

A busca pela experimentação nessas atividades é uma constante e atrai jovens ávidos por novas situações, as quais permitem, ademais, o estreitamento de relações com os pares do grupo social a que pertencem. Em estudo de mestrado realizado com jovens skatistas, defendido na UNICAMP em 1997 (5), pude concluir que tal modalidade simbolizava para seus adeptos, mais que a mera prática da atividade, a busca pela

inovação, pela quebra com o tradicional, constituindo-se para o jovem numa relevante ferramenta de busca da identidade. Se outrora o skate era uma atividade marginalizada no Brasil – associada à “bandagem” e à “vida na rua” –, hoje essa modalidade tem presença garantida nos *mass media* e encontra-se inserida no discurso em torno da qualidade de vida da população.

Assistimos hoje, aliás, à possibilidade de inserção dos esportes radicais no ambiente escolar, entendendo tais atividades como elementos diferenciados na intervenção pedagógica que se dá, por exemplo, nas aulas de Educação Física. Práticas como o skate, o *parkour*, o *roller*, a tirolesa e a escalada *indoor* assumem real significado nos currículos escolares, seja nos momentos em que a escola se adapta como um equipamento não específico de lazer – a partir de sua utilização como espaço físico

aberto para a comunidade local nos finais de semana –, seja no contexto do currículo escolar, como atividade pedagógica formalizada em sala de aula, na quadra ou em qualquer outro local que permita o uso criativo do espaço. Tive a oportunidade de tratar mais detalhadamente desse assunto em duas outras publicações (6).

Tem-se, portanto, nos esportes radicais a constituição de um espaço extremamente significativo para o jovem em seus momentos de lazer, seja como elemento potencializador para a vivência da vida em grupo, seja como expressão de sentimentos, do gosto pela aventura, da percepção das mudanças físicas pelas quais passa o corpo do jovem e as representações sociais a ele associadas.

Espero ter cumprido a tarefa de discutir, ainda que de forma breve, a notória relação entre juventude, lazer e esportes radicais, sugerindo que o leitor reflita sobre os argumentos aqui levantados e que avance no debate a partir das obras indicadas neste ensaio. ●

NOTAS

(1) Featherstone, M. “O curso da vida: corpo, cultura e o imaginário no processo de envelhecimento”. In: DEBERT, G.G. (org). *Antropologia e velhice*. Textos Didáticos, 1994, p. 51.

(2) PAIS, J.M. *Culturas Juvenis*. Lisboa, PT: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993. p. 189.

(3) Discuti mais amplamente o termo Juventude e sua relação com determinados contextos sociais em UVINHA, R. R. “Aspectos sobre a relevância do campo do lazer na adolescência”. In: DE ROSE JÚNIOR, Dante et al. *Esporte e atividade física na infância e adolescência: uma abordagem multidisciplinar*. 2 ed. Porto

Alegre, RS: Artmed, 2009. pp. 235-244.

(4) MAGNANI, J. G. C. “Lazer dos trabalhadores”. Revista São Paulo em perspectiva. 2 (3): 37-39, jul/set, 1988, p. 39.

(5) Publicado em forma de livro no ano de 2001, com o título “Juventude, lazer e esportes radicais”, pela Editora Manole.

(6) Para tal, Cf. UVINHA, R. R. “Esportes radicais nas aulas de Educação Física do ensino fundamental”. In: MOREIRA, E. C. (org.) *Educação Física escolar: desafios e propostas*. 2 ed. Jundiaí, SP: Fontoura, 2009. pp. 241-256, e NEIRA, M. G.; UVINHA, R. R. *Cultura corporal: diálogos entre educação física e lazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

* **RICARDO RICCI UVINHA** é mestre em Estudos do Lazer pela FEF/UNICAMP, doutor em Turismo e Lazer pela ECA/USP e professor livre-docente da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH/USP). Tem diversos trabalhos sobre o tema Juventude, Lazer e Esportes Radicais, apresentados e publicados em forma de livros, artigos em periódicos, anais de congressos nacionais e internacionais, entrevistas em meios impressos e digitais, entre outros. Atualmente é coordenador do bacharelado em Lazer e Turismo da EACH/USP e líder do Grupo Interdisciplinar de Estudos do Lazer da Universidade de São Paulo (GIEL/USP/CNPq). E-mail: uvinha@usp.br.